

VIDA MUNDIAL

14 NOV. 1941

ILUSTRADA

SEMANARIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES



Ano I — N.º 26 — Lisboa, 13 de Novembro de 1941 — Preço: 1 Esc.

O TRABALHO DA PESCA É DOS MAIS RUDES na lide do mar. Anda-se a mourear todo o santo dia, desde que o sol é nado, e, às vezes, já as estrelas brilham no céu e ainda a «companha» regressou. A laina é difícil, mas o pescador não quer outra vida. E na costa portuguesa, de ponta a ponta, não se andam muitos quilómetros que não se tope com aldeia de pescadores e com cenas de labuta pitoresca como esta que reproduzimos.

(Foto de Armando Seródio)

CALÇADA DA GLÓRIA

SINFONIA DE ABERTURA

O nosso Beldemónio, autor dum livro curiosíssimo sobre o Chiado, retratou, um dia, numa das suas crónicas, um estranho e complexo personagem a que ele próprio chamou O homem do colete amarelo. Quem era este homem? Nada mais, nada menos que um excelente burguês, possuidor dum notável olfato, e que tinha o condão de adivinhar os dias em que andavam mulheres bonitas na rua. Era infalível. O homem do colete amarelo descia o Chiado, aparecia na rua do Ouro, atravessava o Rossio, já se sabia: na rua andavam mulheres bonitas. Constituiu uma espécie de barómetro feminino, prestável e infalível. Não sei se, mesmo literariamente, este homem ainda existe; mesmo que exista, deve preocupar-se agora, na sua gloriosa velhice de D. Juan, com recordações menos palpáveis; mas, se assim não é, e se, de facto, o fulgor dos vinte anos, iluminar ainda os seus cabelos brancos, este homem deve sair hoje todos os dias, com o seu colete amarelo, farejando, respirando, de nariz no ar, todas as raparigas bonitas da cidade (tantas as que vemos por aí — louvado Deus — em cada dia que passa) e não deixará certamente de comentar, ao vê-las:

— Ditosos pais, que tais filhas têm!

NOTAS MUNDANAS

ESTEVE há dias retido no leito com uma saborosa indigestão de lulas o escritor teatral Amadeu do Valle.

— Parte brevemente para Monfortissimo o sr. João Correia de Oliveira.

— Encontra-se ligeiramente encatarrado o gerente da Casa do Livro, sr. António Pedro.

— Já regressou à porta da livraria Portugalíia o sr. conselheiro Teixeira Direito.

— Encontra-se bastante neurasténico desde a semana passada o nosso comarada Artur Inez de Castro.

— Já se encontra em Lisboa, vindo da sua casa de Cascais, o sr. dr. José Ribeiro dos Santos, chefe da Redacção da República, que aqui conta passar a estação calmosa.

— Efectuou-se há dias o auspicioso enlace do empresário Ricardo Covões com a Viúva Alegre, ainda em muito bom uso.

— Esteve há dias na Brasileira, a tomar café, a grande artista Adalina Abranches.

— Realizou ontem a primeira prova num fato novo o actor Carlos Leal.

— Vimos no último sábado, subindo o Chiado, com uma capa preta nos ombros, a sr.^a D. Alice Oeiras.

— Anuncia-se para breve o nascimento dum novo livro de Augusto da Costa.

— O ilustre poeta António Botto teve uma nova *delirance* literária, dando à luz um robusto volume de Canções escolhidas. Pai e filho encontram-se, felizmente, bem. As nossas saudações.

DR. SACRAMENTO MONTEIRO

FOI nomeado, há pouco, para fazer parte da censura teatral, o dr. Sacramento Monteiro, espirito de incontestável cultura e ilustração. Quere dizer: daqui em diante, nenhuma peça irá à cena sem ser devidamente sacramentada...



Senhoras e senhores: olhai-o bem de frente, De costas, de perfil... A boca, o olhar, o gesto... Figura à d'Artagnan. Certo ar insolente. D. Quixote na péra — e Molière no resto!

Ao vê-lo caminhar pela tarde doirada, Chapéu de pluma ao vento, num vaço desafio, Dir-se-ia que ele vai, mão no punho da espada, Abrir o mundo em dois — à esquina do Rossio...

No fundo, bom rapaz... E a ironia sã Que brota, palpitante, da sua graça fina, Veste-a ele, a rir, de «velours d'Amiens» Que é com' em francês se chama à bombaxina.

Poeta, Revisteiro. Eu sei lá, Deus do Céu! Homem de sete ofícios, E até, por fantasia, Covões abriu-lhe as portas do velho Coliseu Coisa que rende mais — que entrar na Academia!

A GATINHA ENCANTADA

HENRIQUE Marques Júnior publicou agora mais um risinho volume para crianças. Chama-se *A Gatinha encantada*. Lê-se com enternecedor interesse embora, sobre a última página, possa perguntar-se:

— Amigo Marques Júnior, mas afinal onde está o gato?

OS ESPINAFRES

SEGUNDO as últimas investigações do dr. Kaaken, de Copenhague, os espinafres comunicam ao organismo humano uma corpulenta energia. Não contestemos. Mas então porque paradoxo se chamará em Copenhague a uma pessoa muito franzina — um espinafre?

O SURDO E O MÉDICO

UM surdo, embora não por completo, foi recentemente consultar o ilustre especialista de ouvidos, dr. Luiz Queriol Macieira. Fina a consulta, perguntou o doente:

- Quanto lhe devo, senhor doutor?
- Quarenta escudos!
- Cinquenta?
- Sessenta! — torna o médico.
- Setenta?
- Não, homem, oitenta!
- Ah! noventa! — compreendeu, por fim, o doente.

E parece que lhe pagou os noventa...

RAMALHO ORTIGAO

O autor da *Holanda*, por ter vivido muito tempo no campo, considerava-se, e era, uma pessoa entendida na fisiologia dos varapaus. Segundo ele, os marmeleiros tinham quatro categorias capitais: o do administrador, o do regedor, o do boticário e o do mestre-escola. «Diz-me o marmeleiro que usas — asseverava Ramalho — e dir-te-ei as manhas que tens». Grande verdade!

DUQUES DE WINDSOR

COMO sabem o duque de Windsor encontra-se com sua esposa nas ilhas Bahamas. A publicidade americana não os larga. Há tempos — conta o jornal francês *Sept-jours* — um reclamista da famosa dançarina nua Sally Rand pretendia fotografar esta junto do duque. Comunicada esta ideia a um dos ajudantes do ex-Rei, ele não hesitou em responder, ajustando o monóculo:

— E o duque deve ficar com calças ou sem calças?

RAMADA E A FILOSOFIA

RAMADA Curto recordava, há dias, aquela justa filosofia de que a miserável condição humana e a farsa terrível e grotesca da vida dão asas ao espirito para sonhar beleza e criar ideal — e não chegam para coçar uma reles comichão nas costas dum pobre sujeito...

O ESPÓSO VIRTUOSO

UM dos nossos jornais da provincia atribuía recentemente a Leal da Câmara, não apenas altas qualidades de artista, mas nobres qualidades de marido virtuoso. Inteiramente de acordo em relação à primeira; em relação à segunda, só a esposa do ilustre caricaturista poderá afirmar se ele é, na verdade, um marido... Leal!

D. QUIXOTE

O jornalista Afonso de Bragança lembrava fisicamente um D. Quixote de cara rapada. Uma tarde, encontrava-se ele à porta da «Brasileira» quando passou um amigo que o cumprimentou:

— Adeus, ó D. Quixote! Logo Afonso de Bragança, apontando uma larga nódoa sobre a banda do casaco:

— De la mancha...

Luiz S. Oliveira

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Terrão *

capítulo I * Assim estalou a guerra

2

MORRER POR DANTZIG?

DESDE 1921, data em que a Polónia, ressuscitada como a Checo-Eslóvaquia pelos tratados de paz, ligou os seus destinos aos destinos da França por meio dum aliança militar, até 1934, a história daquele país confunde-se com a da liquidação demorada da última conflagração e com as tentativas feitas, dentro do sistema da segurança colectiva,

para organizar a Europa. Durante esse longo período de treze anos, as relações germano-polacas mantiveram-se sempre mais ou menos tensas. A Alemanha recusara-se a dar a sua aprovação aos projectos de Briand para garantir as novas fronteiras da Polónia pela conclusão dum Locarno oriental.

Em Janeiro de 1933, com a subida de Hitler ao poder, tudo ia transformar-se. Decorrido precisamente um ano sobre essa data, o Reich nacional socialista assinava com a Polónia, governada pelo regime autoritário do marechal Pilsudski, um pacto de amizade e não agressão válido por dez anos. A diplomacia alemã tomara a iniciativa desse acôrdo, que em Varsóvia foi recebido com evidente compreensão e com um desejo firme de liquidar uma rivalidade tão antiga como perigosa.

A posição geográfica da nação polaca explicava, em parte, esta decisão inesperada. Colocada entre duas potências gigantes, a Alemanha e a Rússia, a Polónia tem-se visto, através de toda a sua história, na necessidade de se defender ora contra uma ora contra outra, e por vezes ao mesmo tempo contra as duas. Assim se explica que os dirigentes de Varsóvia procurem seguir uma política de equilíbrio que se transforma, em certas circunstâncias, num oportunismo perigoso.

Nas propostas de acôrdo formuladas pelo Reich, a Polónia de Pilsudski viu a maneira mais fácil de ganhar tempo para resolver as suas dificuldades internas, criando uma unidade nacional definitiva, e de assegurar, no concerto das nações, a sua posição internacional. O acôrdo, assinado em 23 de Janeiro de 1934, especificava que as divergências que porventura viessem a suscitar-se entre os dois países seriam resolvidas por métodos pacíficos.

A atitude da Polónia era compreensível. Mas em Paris sentiram a assinatura do acôrdo germano-polaco, que negava a aliança com a França, como uma deserção. O sistema de equilíbrio que a paz de Versaillles pressupunha aparecia assim singularmente comprometido. A cadeia de alianças orientais que impedia a expansão alemã via quebrar-se o seu primeiro elo.

Ao mesmo tempo que iniciava a sua política de apaziguamento com a Alemanha, a Polónia, embora continuasse a pertencer nominalmente à Sociedade das Nações, começou a fazer toda a sua política externa fora das concepções e das directrizes de Genebra. Entre 1934 e 1938, a sua diplomacia, embora com as reservas aconselhadas pelas circunstâncias, associou-se à tarefa de demolição do organismo genebrino, cujo prestígio já então se encontrava seriamente abalado.

Quando dos acontecimentos de 1938 e da conferência de Munich, os dirigentes de Varsóvia associaram-se à partilha do despojo checo. Entre polacos

e checos havia uma rivalidade latente. Praga conseguira ficar com o território litigioso de Teschen e desempenhara um papel pouco claro durante a luta da independência conduzida pela Polónia contra os comunistas. Estas recondições constituíam um motivo de desconfiança permanente entre os dois países cujos interesses comuns eram bem mais importantes do que as suas divergências episódicas. Ligando-se ao Reich para facilitar a liquidação da independência checa, a Polónia devia calcular que, dentro de algumas semanas, seria a sua própria independência posta em causa em condições semelhantes.

DANTZIG E O CORREDOR POLACO

Seis dias depois de os alemães entrarem em Praga, em 21 de Março, o ministro dos estrangeiros do Reich, von Ribbentrop, convidou para uma conferência o embaixador da Polónia. Disse-lhe que a Alemanha insistia por uma solução rápida das questões pendentes entre os dois países: Dantzig e o Corredor. Para isso, o governo de Berlim propunha que a cidade de Dantzig fosse devolvida à Alemanha e que se construíssem, através do território conhecido pela designação de Corredor polaco, uma auto-estrada e um caminho de ferro com direito de extra-territorialidade. Em compensação, o Reich oferecia à Polónia o reconhecimento das suas fronteiras e um pacto de não agressão válido por vinte e cinco anos.

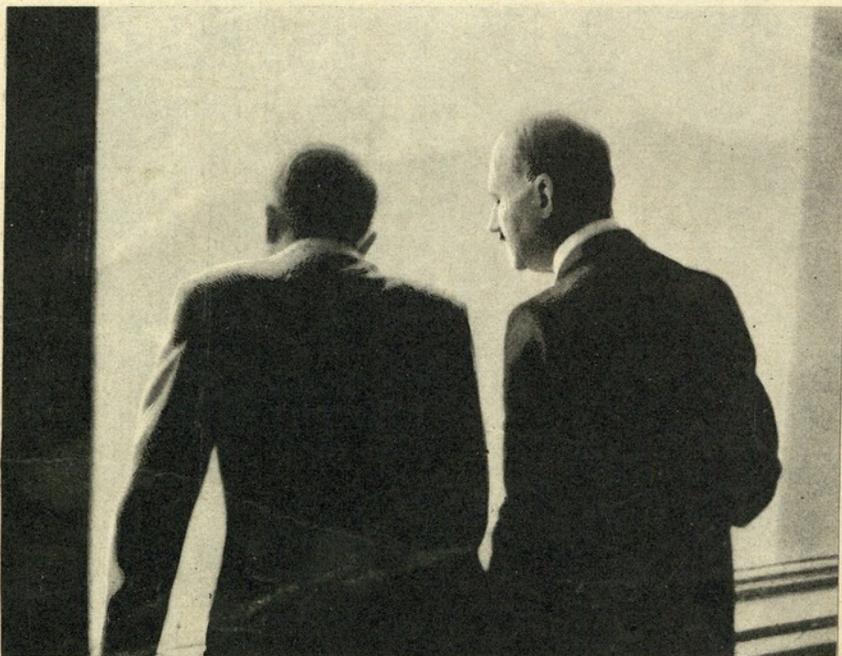
Em 26 de Março, o governo polaco apresentou contra-propostas. Sugeriu que se assegurasse uma garantia comum germano-polaca para a cidade de Dantzig e uma simplificação das formalidades esta-

belecidas para a passagem de indivíduos e trânsito de mercadorias entre a Prússia oriental e o resto do território do Reich. Para rejeitar a proposta alemã, a Polónia invocava duas ordens de argumentos: primeiro, dizia que aceitá-la equivalia a entregar a chave da sua independência em troca dum garantia irrisória; segundo, receava que essa aceitação iniciasse um processo de decomposição que se liquidaria com a perda total dessa independência.

Em Varsóvia, a imprensa recordou as expressões usadas pelo Fuehrer para caracterizar a natureza das relações germano-polacas e para acentuar a necessidade de que elas fôsem amistosas: «Não pode recusar-se a um país de trinta e cinco milhões de habitantes o livre acesso ao mar. Nós, alemães, compreendemos que precisamos viver em boa vizinhança com a Polónia e que nenhum dos dois países dese esquecer essa necessidade». «A amizade entre a Alemanha e a Polónia tem sido um dos factores predominantes para a conservação da paz na Europa». Em Berlim tinham feito, com frequência, a afirmação de que, embora as divergências de critério a propósito de Dantzig houvessem de ser um dia resolvidas, nada indicava a sua urgência nem a sua gravidade imediata.

Os pedidos formulados pelo Reich tiveram um acolhimento glacial. Por seu lado, os alemães consideraram a contra-proposta polaca como um pretexto para arrastar as negociações e para preparar a batalha diplomática em condições vantajosas.

Em última análise, uma coisa era evidente: a Polónia pautaria a sua atitude pelo apoio que a sua iniciativa de resistir aos pedidos do Reich encontrasse em Paris e em Londres. A aliança militar



François-Poncet, embaixador da França em Berlim, desde Agosto de 1931, acompanhou todas as fases das relações franco-germânicas. A foto mostra-o após a sua conferência com Hitler em Obersalzberg, no dia 18 de Outubro de 1938.



Mosciaki, sucessor de Pilsudski, presidente da República polaca desde 1926, reeleito em 1933.

com a França não fôra denunciada formalmente, mas deixara de existir como factor determinante na política externa dos dois países. A Grã-Bretanha não tinha com a Polónia qualquer acôrdo ou obrigação que a levasse a tomar imediatamente posição no caso de se agravar a tensão no continente em consequência das reivindicações alemãs sobre Dantzig e o território do Corredor.

Mas a colaboração anglo-francesa tornara-se tão íntima que não era possível encerrar uma diligência isolada de Paris ou de Londres. E a diplomacia francesa, sempre disposta a seguir a sua orientação tradicional de alianças orientais, precisava do acôrdo britânico para renovar as garantias que, embora inscritas em documentos públicos, tinham sido esquecidas na prática. Era, portanto, em Londres que se encontrava a explicação fundamental dos acontecimentos que, inevitavelmente, iam seguir-se.

A EVOLUÇÃO DA GRÃ-BRETANHA

Foi a Londres que se dirigiu o ministro dos estrangeiros polaco, coronel Beck, partidário caloroso



Em Abril de 1939, o coronel Beck, ministro dos Negócios Estrangeiros da Polónia, vai a Londres conferenciar com os dirigentes da política inglesa, após o agravamento das relações com a Alemanha, por via de Dantzig. A foto mostra-o à sua chegada à estação da Vitória, cumprimentando Lord Halifax que o foi esperar.

do Reich e do nacional-socialismo. As suas conferências no Foreign Office, com os dirigentes da política inglesa, foram rapidamente divulgadas. O coronel Beck encontrou nesses dirigentes um estado de espírito particularmente favorável à satisfação dos seus desejos. O sr. Chamberlain e os seus colaboradores mais próximos, resolveram abandonar a política de apaziguamento seguida até ali para iniciar uma política de resistência orientada por uma fórmula rígida: não mais concessões, não mais transigências.

A entrada das tropas alemãs em Praga merecera ao Primeiro Ministro palavras de reprovação que resumiam essa evolução decisiva: «A acção recente do governo alemão leva-nos a perguntar se êle não procura dominar a Europa ou talvez mesmo ir mais longe. Se é esta a interpretação exacta do que acaba de passar-se, o governo de Sua Magestade julga-se na obrigação de declarar que essa tentativa de dominação encontraria da nossa parte uma resistência vitoriosa».

O problema que impressionava os dirigentes ingleses e condicionava o seu procedimento era o de saber até que ponto seria, de futuro, licito tomar em consideração os compromissos assumidos na Europa pelo governo do Reich. As suas convicções profundas encontravam-se fortemente abaladas pelo tratamento dado à Checo-Eslóvquia. Essa transformação era de tal modo radical que venceu a repugnância insintiva que a Grã-Bretanha sempre manifestara para assumir compromissos com as nações da Europa central e oriental.

O discurso que o sr. Chamberlain pronunciou, em 31 de Março, na Câmara dos Comuns, teve um significado histórico. Marcou a liquidação definitiva da política britânica de isolamento e de apaziguamento e envolveu, irremediavelmente, a Grã-Bretanha no circuito das dificuldades e das complicações continentais. O Primeiro Ministro declarou, nessa altura, que, se a independência da Polónia viesse a ser ameaçada e o governo polaco julgasse conveniente resistir, a Grã-Bretanha se considerava obrigada a dar-lhe todo o auxilio que estivesse em seu poder. Acrescentou que o governo francês se associava inteiramente a esta declaração terminante.

Em Berlim, consideraram esta declaração como um cheque em branco dado à Polónia. Esta interpretação, tornando mais rígida a atitude do Reich, conduzia inevitavelmente à guerra. Em 28 de Abril, o Führer proferiu um discurso no Reichstag tratando a questão polaca, indicando a natureza e a extensão das suas reivindicações e manifestando claramente o propósito de não abandonar nenhuma delas. Aproveitou a ocasião para denunciar o pacto de amizade germano-polaco de 1934 e o tratado naval germano-ingles de 1935.

Em 5 de Maio, o coronel Beck deu, na Dieta polaca, a réplica a êste discurso. Declarou que um país que tem o respeito da sua independência e da sua soberania não faz concessões unilaterais e terminou com estas palavras: «A paz é um bem precioso e desejável, mas a paz, como todas as outras coisas neste mundo, tem o seu preço. Esse preço é elevado, mas certo. Nós, polacos, não admi-



Uma fotografia histórica: O marechal Pilsudski, em 1922, com o coronel Beck (à esquerda), então capitão e ajudante do Presidente da Polónia.

timos o conceito duma paz adquirida por qualquer preço. Só há uma coisa que, na vida dos homens como na vida das nações, não tem preço: é a honra». As pontes estavam definitivamente cortadas entre Varsóvia e Berlim. Era em Londres que seria preciso negociar.

ACALMIA APARENTE

A partir da segunda quinzena de Maio, a controvérsia internacional suscitada pela questão de Dantzig entrou numa acalmia aparente. Havia, é certo, incidentes locais de maior ou menor envergadura. Cada um dos contendores se mantinha na posição que escolhera. A Alemanha não abdicava de nenhum dos pedidos que formulara. A Polónia encontrava-se decidida a defender, com armas na mão, a causa da independência nacional. A Grã-Bretanha e a França reafirmaram o seu propósito de correr em seu auxilio, caso isso se tornasse necessário.

Para acalmar a situação, o embaixador inglês em Berlim, Sir Neville Henderson, procurou o marechal Goering a quem disse que, em consequência do golpe de Praga, a Grã-Bretanha e o seu governo estavam firmemente decididos a opor-se, pela força, a qualquer iniciativa idêntica. O marechal replicou-lhe que as circunstâncias, em 1939, eram muito diversas das de 1914, que nenhuma nação europeia estava em condições de se opor ao poder militar do Reich, que nem a França nem a Inglaterra estavam em condições de dar à Polónia uma ajuda eficaz e que o bloqueio não conduziria a qualquer resultado decisivo.

Entretanto a Grã-Bretanha alargara à Roménia a garantia dada à Polónia, o que irritara mais profundamente ainda os dirigentes alemães. Para estes, o acôrdo de Munich significava praticamente uma inteira liberdade de movimentos a leste. Não compreendiam que, uma vez dado o seu acôrdo para a remoção do obstáculo checo, a França e a Inglaterra levantassem novas dificuldades sempre que se tratava de resolver os problemas suscitados com os países que se consideravam incluídos no espaço vital do Reich.

Esta divergência de critérios agravava-se com o decurso do tempo. Mas, entre Abril e Julho de 1939, não parecia constituir uma ameaça imediata para



SIR NEVILLE HENDERSON, embaixador inglês em Berlim, conversando com o marechal Goering sobre a marcha das relações entre os dois países, poucos meses antes de rebentar a conflagração.

a causa da paz. As aparências não impediam que os contendores continuassem a reforçar as suas posições e que a diplomacia prosseguisse no seu trabalho.

Em Dantzig é que as medidas de precaução recíproca tomavam um aspecto inquietante. Desde a segunda quinzena de Maio que na Prússia oriental e no território vizinho da Polónia se acumulava material de guerra em quantidade e que a vigilância de polacos e alemães se exercia em condições pouco tranquilizadoras.

A cidade tomava um aspecto bélico com a chegada de elementos das formações militares alemãs. Os estudantes foram convidados a ficar ali durante as férias que costumavam passar na Alemanha. Os quartéis estavam cheios. O consú da Grã-Bretanha comunicava ao seu governo: «Estou convencido de que esta militarização progressiva da cidade faz parte dum plano de operações mais vasto que começará a ser executado durante o mês de Agosto».

Efectivamente, nos primeiros dias deste mês, os inspectores aduaneiros polacos encontraram dificuldades para desempenhar a sua função. O coronel Beck declarou, no Senado, que se essas dificuldades não cessassem, a Polónia reagiria com a maior energia. Em 9 de Agosto, o governo de Berlim interveio, pela primeira vez, directamente no pleito entre as autoridades da Cidade Livre e os agentes da administração polaca. O governo de Varsóvia replicou em termos de grande vivacidade, declarando na sua carta que não reconhecia à Alemanha o direito de se intrometer, sem qualquer fundamento jurídico, em assuntos que deviam ser exclusivamente tratados e resolvidos pela Polónia e pelas autoridades de Dantzig.

CONSELHOS DE MODERAÇÃO

A terceira semana de Agosto indicou que a hora das grandes resoluções se aproximava. No dia 15, o subsecretário de Estado alemão para os negócios



Marcel Déat, o homem que publicou o sensacional artigo «Morrer por Dantzig?»

estrangeiros, declarava ao embaixador da Grã-Bretanha: «Para tudo há um limite. No caso da Polónia atingimos esse limite. A taça está cheia e a paciência do Fuehrer esgotada». O Reich queixava-se da perseguição que as autoridades polacas moviam aos indivíduos de raça e de língua alemã residentes no seu território. O tema dos direitos das minorias resuscitava recordando a solução dada ao caso checo.

Em Londres havia a opinião, predominante no Foreign Office, de que o chanceler do Reich fazia «bluff» e de que era preciso, contra todas as aparências, manter uma atitude de firmeza e de intransigência. O essencial, na opinião do gabinete britânico, era não dar pretexto a represálias ou a medidas violentas por parte dos alemães. O embaixador inglês em Varsóvia tinha instruções especiais para agir nesse sentido junto do coronel Beck e do marechal Ritz Smigly, chefe de todas as forças militares polacas em tempo de paz e se a guerra se desencadeasse.

Em Paris, a impressão era a mesma. Só começaram a sentir algumas preocupações quando, no dia 20, o embaixador em Varsóvia, Leon Noel, enviou um telegrama que soava como um toque de clarim: «Acabo de saber que, nos meios da Wilhelmstrasse, há a convicção de que o Fuehrer está firmemente decidido a liquidar a questão de Dantzig antes do próximo dia 1 de Setembro. De várias origens, chega-me a informação de que a Alemanha está intensificando, de maneira sintomática, os seus preparativos militares».

O caso de Dantzig era, no conjunto do plano alemão, um pormenor que, como o pormenor checo-eslovaco, seria liquidado na hora própria e no quadro das condições estabelecidas previamente pelo Reich. Em Berlim continuavam a esperar que

um novo recuo dos aliados ocidentais facilitasse, sem efusão de sangue, mais uma vitória diplomática que impediria o recurso à força. Para isso, tinham os dirigentes alemães motivos ponderosos. A França e a Grã-Bretanha continuavam a dar em Varsóvia conselhos de moderação, o que era um indício seguro das suas intenções profundas e das hesitações que caracterizavam toda a sua acção.

Simultaneamente, parte da imprensa nos dois países, recordando as horas angustiosas que o mundo vivera no ano anterior, recusava-se a aceitar, como um imperativo do interesse nacional, a conveniência de não deixar desmembrar e aniquilar a Polónia. Marcel Déat publicou um artigo que fez grande sensação, sob o título «Morrer por Dantzig?». Era este o estribilho predominante nos meios franceses e britânicos que preconizavam um acordo com a Alemanha, quaisquer que fossem os sacrifícios que ele impusesse a uma liquidação violenta das divergências que opunham ostensivamente o grupo franco-britânico ao dinamismo alemão.

A fórmula era simplista demais para poder ser aceita como expressão das realidades que o mundo suportava. No fundo havia uma oposição irreconciliável entre as concepções políticas, morais e diplomáticas dos adversários. Entretanto a imprensa alemã continuava a sua campanha anti-polaca animada pelo relato de episódios capazes de impressionar uma opinião pública que vivia há alguns anos em regime de mobilização rural e há alguns meses em regime de mobilização militar.

No próximo número:

3 — A PAZ QUE SE EXTINGUE



NO DIA 13 DE MARÇO DE 1939, Monsenhor Tiso, chefe dos guardas de Hlinka, presidente do governo eslovaco, foi convocado para uma conferência urgente com Hitler, em Berlim. Foi depois desta entrevista — de que a foto que publicamos acima nos dá um aspecto — que se proclamou a independência da Eslováquia.

VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

**VAI COMEÇAR A PUBLICAR
BREVEMENTE EM FOLHETINS**

UM GRANDE ROMANCE POLICIAL

**DA AUTORIA DUM DOS MAIS
CATEGORIZADOS AUTORES
ESTRANGEIROS DO GÉNERO,
INÉDITO NO NOSSO PAÍS**

A ESFERA MISTERIOSA

panorama internacional

NO CIMO DA CURVA

por Francisco Velloso

A crise de enervamento que deu o tom aos sucessos internacionais na precedente oitava, abrandou talvez um pouco a sua acuidade durante a que se encerra agora. Todavia ainda não remitiu o seu período de fabricitação. Se a batalha da Rússia continua a ser fulcro mais que nunca vital desta fase da guerra, chamando todos os esforços dos Aliados (como os dos Alemães) àquela fornalha em brasa, por isso mesmo e pelas razões aqui indicadas há semanas, ela obriga-nos a contar em Washington as suas pulsações. A batalha de Roosevelt trava-se afinal nas retaguardas de Timochenco, tanto como as retaguardas de Hitler começam a acentuar as suas pressões nos países ocupados, e as da Grã-Bretanha nas sinergias do Império. A crise de inofrimento nervoso, que ela provoca, fere todos os beligerantes.

O NÓ DUMA CRISE



CHURCHILL

Pesa sobre o panorama actual da guerra uma interrogação: — obrigados pelos compromissos terminantes que se firmaram nas conferências do Potosí e de Moscovo a impulsionarem a sua produção tanto quanto as necessidades da resistência russa o exigissem, e sem pôr em risco de retardamento a preparação de golpes ofensivos britânicos, porventura os Estados Unidos corresponderam plenamente desde Junho a essa obrigação?

A pergunta introduz uma sentença de enorme responsabilidade histórica, mas a resposta não é afirmativa. O ritmo da indústria de guerra norte-americana — como já o veremos — se bem que gigantesco, não entrou nas acelerações indispensáveis. Conseqüentemente, as reservas materiais inglesas tiveram de ser urgente e imediatamente desfalcadas para acudir às carências moscovitas. Como estas se tornaram prementes, foi sobre Londres e não propriamente sobre Washington que reverteram as reclamações de auxílio. A colisão colheu de través os projectos do Estado Maior e do Almirantado. Churchill aludiu a ela no seu último discurso que, por isso mesmo, deve ser relido e meditado. O imperativo de intensificar a produção para ajudar a tenacidade sem par do povo russo, quando o grosso dos efectivos alemães era entornado nas caldeiras da batalha infernal, imperativo forçado sobre um país cujo labor desde o início da guerra é a maior prova do civismo inglês, ao lado do da R. A. F. e da Armada, — fêz gerar o enervamento político, a discussão popular que, depois de altear voz nas ruas, intercorreu a imprensa, e desta irrompeu no parlamento.

Era no momento em que um acto de ofensiva em frente distante mas sensível à Alemanha teria perturbado o arranço de Hitler a leste. Já não há dúvida de que em Londres, então como hoje, êle estava estudado, premeditado e apressadamente preparado. Não seria no continente, pelas razões que foram apontadas depois do debate nos Comuns, mas seria noutro front. O alquebramento da produção americana desmontou esta máquina ou, pelo menos, adiou o seu funcionamento.

Outro dia, Churchill ao visitar a sua escola de instrução primária, largou para o Mundo inteiro palavras que diagnosticam implicitamente a crise a que vimos de referir-nos: «Parece-me que começam a sentir-se impacientes porque tem havido longa acalmia, sem se passar nada de importante. Mas nós temos de aprender a ter paciência, tanto para o que se consegue rapidamente como para o que leva tempo a alcançar». E acrescentou como aviso: «Os ingleses são geralmente melhores no final... mas quando pensam que uma coisa tem de ser feita e o trabalho tem de ser levado até ao fim, fazem-no ainda que leve meses e anos a concluir».

Eis o nó da crise. Atenção a Washington!

PARADOXO PERIGOSO



DOROTHY THOMPSON

A 27 de Outubro, depois do recente discurso de Roosevelt, os admirantes norte-americanos comentaram-no à uma incitando o presidente a passar a vias da abrogação da Lei da Neutralidade. «Já é tempo de acabarmos com esta farsa», clamava o *New York Times*, dizendo rotundamente o que pensavam os chefes navais. As revelações dos planos de colonização alemã na América do Sul (que aliás estão todos descritos no livro de Rauschnig) perturbaram a opinião dos países nêles visados. O Brasil, a Argentina, o Chile, a Colômbia, o Uruguai, o Panamá, Cuba, S. Domingos, México, Guatemala, Nicarágua, Honduras, Tahiti, ampliavam dia a dia as exclusões inseridas nas suas «listas negras», abrangendo a *Air-France*, a *Latí* (linha aérea transatlântica italiana), a *Agência de Notícias Transoceânica* (alemã), além de jornais e centenas de firmas comerciais e industriais para êles suspeitas.

Mas, ainda mesmo neste ambiente, os Estados Unidos não se apressavam. Léon Henderson, o administrador do *contrôle* de preços, dizia que o país estava obtendo apenas uma produção de 30 a 35 por cento da capacidade, por falta de homens especializados e pedia 40,3 horas de trabalho. A 31 do mês passado, o almirante Raeder mandava para o fundo do mar o contratorpedeiro *Reubén James*. E o paradoxo continuava: — a esquadra a atacar submarinos alemães em defesa dos

combóios, o que dá justificado azo ao governo alemão de acusar Roosevelt de praticar actos de guerra; e o presidente atado de mãos pelo Congresso. A 5 de Novembro, ainda se arrastava o debate — só concluído, com aprovação, no dia 7 — sobre o armamento dos navios mercantes e a autorização de entrarem em portos beligerantes, esta última fundamental para os combóios tanto mais que o chefe da armada alemã declarou e pratica os torpedeamentos de navios norte americanos sem esperar que êles entrem em tais portos. Knox debalde discursava em Quantico (Virgínia) que os Estados Unidos estavam já em guerra e Wilkie, em telegrama ao *Sunday Graphic* de Londres, que em breve (!) haveria combates aéreos e navais e que a opinião pública se modificaria. Por detrás do isolacionismo, greves, sabotagens, uma espionagem temível e a sonolenta barragem do egoísmo dos argentários, representados no sínédrio do Capitólio.

Dorothy Thompson num artigo brilhantíssimo que fêz eco, escrevia nos primórdios de Outubro:

«O que é que temos feito com êste ano e meio? Não temos feito o que poderíamos fazer. Quando Hitler atacou a Rússia, o mesmo suspiro de alívio ocorreu aqui como sempre tem ocorrido em cada nação, quando vê não estar a seguir na lista. Em vez de lançarmos mão desses 30, 60 ou 90 dias, e usá-los num esforço enormemente aumentado, debatemos se se deve ou não auxiliar a Rússia, quando devíamos dizer a nós próprios a verdade nua e crua, isto é, que nem tão pouco estamos ajudando a Grã-Bretanha!»

As verdades duras, não deixam de ser verdades.

O BENEFICIÁRIO



CUNNINGHAM

Desta situação geral, foi Hitler, ainda desta vez, o beneficiário. Assim pôde e pode prosseguir, com iniciativa, a campanha a leste. É certo que ela ainda não rendeu o objectivo supremo. Leninegrado e Moscovo são, na história militar do Mundo, duas páginas inultrapassáveis de belo e bravo denodo. É certo também que no sul, no ângulo do Don, em Rostov, verdadeiro gonzo da frente caucásica, a defesa de Timochenco se manteve e que, mais ao norte, até Karkov, os apêches alemães sobre o curso superior daquele rio não puderam por enquanto adiantar. Mas Von Runstedt não parou, mesmo sob as fustigações rijas do inverno. O investimento cruentíssimo da Crimeia por Von Kleist descendo a Sinteropol, a Teodosia e visando a Kerch foi seguido, conforme dizia o comunicado russo de 4, por um «tremendo ataque ao sul da bacia do Don, tentando abrir caminho em direcção a êste rio e ao Cáucaso». E nesse mesmo dia, informavam de

Berlim que a «arma aérea alemã impediu o transporte de tropas soviéticas, bombardeando as linhas ferroviárias que seguem para o Cáucaso e para o Baixo Volga».

É Wavell em causa. E, em vista da fraqueza ou recuo americano, já aparece a claro o que é e foi a chamada «acalmia britânica». A Inglaterra preservou os seus exércitos do Próximo e Médio Oriente na previsão clara de que teria de defender as linhas de comunicação, os petróleos, cereais e matérias primas e o auxílio à Rússia, prevenir em Singapura a ameaça nipônica no «Pacífico, e assegurar com a esquadra de Cunningham vogando desde o Egeu a Gibraltar, com domínio sobre a italiana, o senhorio do Mediterrâneo. Que é o esforço actual dos Estados Unidos., ao lado deste, da Inglaterra?

É o quadro geral amplifica-se.

A SOMBRA DOS SAMURAI



NOMURA

Na outra extrema, já porque as privações de matérias-primas estrangulam, já porque as inquietudes da presente conjuntura o animem, o Japão insiste em gestos perigosos. O Pacifico é hoje o grande mar dos boatos.

Quando Knox declarou que o conflito entre os Estados Unidos e o Japão era inevitável, em Tóquio manifestaram estranhice. O general presidente, Tojo, tonitruou: «O caminho é para a frente», mas quando se supunha que a frente era a guerra, apelava para a ordem no interior, decretando mais restrições e o aproveitamento das sucatas de ferro. A imprensa, como obediente a sinal, rompeu em ataques violentos a Londres e a Washington, tomando por motivo um estribilho histórico alemão: «Rompamos o cerco! ou «Iremos buscar o petróleo onde êle estiver!»

Este barulho manifestamente intencional era, como dizemos, reforçado por vários rumores dispersos e desorientadores: — que os japoneses iam atacar na Sibéria (onde ressurge o grande chefe russo que é o marechal Blucher, que Estaline demitiu e teve encarcerado e com a eclosão da guerra foi obrigado a pôr em liberdade); que assaltariam o Sião pela traiçoeira porta da Indo-China; que intentariam apoderar-se da ilha Sakalina e de Manilha.

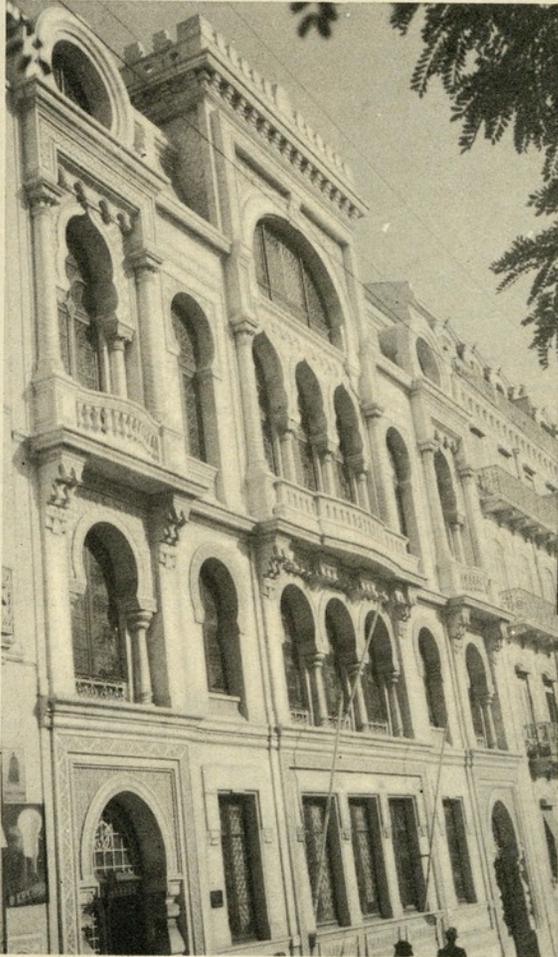
A 2. de Washington chegava a anunciar-se a próxima partida do embaixador almirante Nomura, por abandono do seu posto. Ingêleses e americanos safam do Japão, e os japoneses dos territórios da Inglaterra e da América. A esquadra australiana concentrava-se em águas do seu país. A japonesa surdiu a rondar as ilhas e posições americanas do Pacifico. A imprensa nipônica do dia 3 já mostra colmilhos. O Japão firmava-se nas

(Conclue na pág. 12)



O GRUPO DOS «CARLOS», que tem já 600 sócios, comemorou há dias o 11.º aniversário da sua fundação. Nessa data, efectuou-se um banquete de confraternização, de que a foto em cima nos dá um aspecto. Na mesa da presidência, vêem-se, entre outros, os srs. Carlos Macedo, Carlos de Oliveira, Carlos Mega e Carlos Basílio de Oliveira.

Vida PORTUGUESA



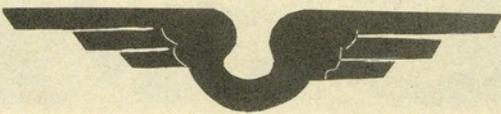
O AERO CLUBE DE PORTUGAL, organismo que tem conagrado as melhores boas vontades ao serviço da causa da aviação civil no nosso país e que conta hoje elevado número de associados, instalou agora a sua sede no famoso Palácio das Mouriscas, na Avenida da Liberdade.



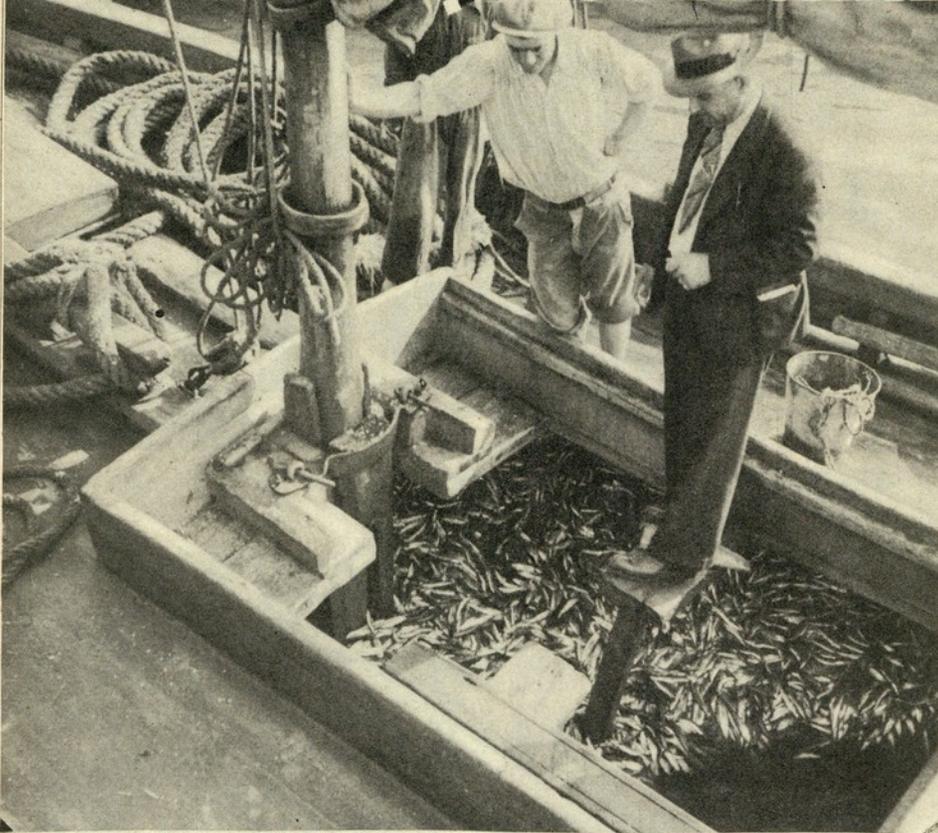
O CHEFE DO DISTRITO DE LISBOA com os novos membros das Juntas de Freguesia.



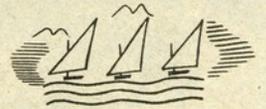
O SR. DAVID SHILLAN, fazendo a sua conferência no Instituto Britânico, de Lisboa.



AS VOLTAS QUE UMA SARDINHA DÁ



Logo de manhãzinha, o peixe é arrematado pelos compradores, que o vão ver aos «buques»...



Uma Crónica de Fernando Teixeira

que éle ignora que eu ando a trabalhar a essa hora e que, portanto, não perco, ganho. Mas dispus-me, de bom grado, a ouvir mais uma das suas curiosas descrições.

O meu amigo percebeu que eu estava pronto a aturar-lhe a erudição. Tomou então um ar superior, de repórter internacional, e desatou a falar e a fazer muitos gestos como se tivesse engulido uma batuta de maestro.

«Tu sabes — começou éle — que a sardinha é pescada longe da costa. Dá um trabalhão. Andam nessa lida dezenas de barcos que partem, de madrugada, às vezes mesmo de noite, e que só regressam, com melhor ou pior carregamento, aí por alturas do dealbar. Estes barcos — «buques» se chamam éles na gíria do ofício — chegam pela manhã ao Tejo. Vêm em geral carregados de sardinha, alguma ainda a saltar no estertor da morte. Entretanto, os pescadores, estenuados, preparam-se para a vender, recolhendo, assim, os proventos duma labuta rude — o honrado pão ganho com o suor do rosto.

Esta maneira de falar impressionou-me imenso. Na verdade, nunca me tinha lembrado daquelas coisas perante uma sardinha assada: «noites perdidas, estertor da morte, labuta rude,

de Lisboa, aqui nado e criado, pode dizer-se, não conheço talvez mais do que a quinta parte da sua superfície, o que não me rala nada porque o mesmo acontece a muito boa gente.

Dizia-me éle há dias: «Ouve lá: tu já viste chegar as sardinhas ao cais da Ribeira? Que espectáculo! Que beleza! Que colorido!». Respondi-lhe que não,

que nunca tinha pensado em tal coisa, que me contentava em vê-las chegar ao prato, quando o petisco me apeteia. Nessa altura, confesso-o, o espectáculo era de reduzidas proporções e — que me lembrasse — nunca lhe tinha visto o colorido, a não ser quando a Josefina, serva descuidada, as deixava torrar demais no lume.

«Pois não sabes o que perdes» — tornou éle. «É uma manhã bem passada». Não quis contrariar o Aristides. É claro

O

Aristides é uma pessoa estranha. Por isso mesmo, a história que vou relatar e que éle me contou no nosso centro de cavaco — aquela esquina fatal de Alexandre Herculano, onde envelhece-

mos à espera do «eléctrico» do Rio de Janeiro — sobre dos males que são habituais no meu amigo: um sonhador, um construtor de ilusões, um architecto de impossíveis.

Aristides — é preciso dizê-lo desde já — é um passeante profissional de Lisboa. Conheça raras pessoas como éle, estou certo mesmo de que não existirão muitas entre os habitantes da cidade. Não tendo precisão de se cansar muito para ganhar o pão de cada dia (o pão e o resto) visto ter uma razoável riqueza hereditária, doença cujos primeiros sintomas lhe começaram a aparecer na maioridade — na altura em que surgem, em geral, os prelúdios doutras maleitas também herdadas — amigo Aristides abdicou da luta pela vida, pois é incapaz de fazer mal a alguém, e resolveu — já que era obrigado a viver aqui para auferir seus rendimentos — tornar-se um efectivo amigo de Lisboa.

Por éle, conheço todos os escaninhos da cidade, tôdas as esquinas célebres, todos os lugares respeitavelmente arqueológicos. Aristides passeia nas ruas de Lisboa há dez anos. Sabe tudo: a lenda perpetuada por certo pedregulho, a que ninguém liga importância, a história das pedrinhas duma rua por onde outrora passaram botas e sapatos de categoria, o mistério de certa casa, etc.

A capital e a sua vida não têm segredos para éle. E todos os dias tem uma novidade para me contar — a mim que,



As varinas vão cantando o fado, enquanto separam a sardinha descarregada das «tecas».



Os «buques» vão atracando e os caixotes com a sardinha vão-se amontoando no cais...

suor do rosto». Já uma vez abominei o queijo da Serra por a criada me dizer ao pé-lo na mesa: «Coma, meu senhor, é muito bom. Custou 18 escudos». Pareceu-me, nessa altura, que estava a trincar 18 moedas de dez tostões e não pude mais. De maneira que, com aquêlê discurso do Aristides a encarecer o animalzinho, comecei a ter vontade de nunca mais comer sardinhas. Mas não lhe disse nada. E êle continuou:

«Tenho assistido, muitas vezes, à chegada dêsseos barcos. Não fazes ideia como aquilo é divertido. Mal aparecem os «buques», acercam-se os compradores, homens de negócio, com dinheiro, que a compram aos pescadores. Feita a arrematação, dão-lhe o destino que entendem: uma parte vai para lora; outra vai para a «lota», onde é vendida às peixeiras. A sardinha é então descarregada para umas cestas especiais chamadas «tecas» e daí vai para cima de grandes tableiros, onde varinas, especializadas nêsse serviço, a separam por tamanhos, acompanhando a operação com uma modinha em voga para o trabalho lhes parecer mais leve».

Êste pormenor enterneceu-me. «Que pena as sardinhas já não podem

ouvir a cantiga!» — pensei. Mas o Aristides continuava:

«Entretanto, vão chegando outros «buques», e no cais começam a amontoar-se os caixotes onde a sardinha vai sendo metida cuidadosamente, já embalada para seguir pra a Provincia. Em grandes celhas de água, o peixe é lavado pelo pessoal dos arrematantes, escolhido, separado e metido nos caixotes. É um gôsto vê-la enlão, a «salpicadinha da costa» tôda acamadinha, à espera da camioneta que a há-de levar para os vários pontos do País, principalmente para as fábricas de conserva. Começa depois a parte mais pitoresca do espectáculo. Completados os carregamentos das camionetas, a sardinha que sobeja é vendida às varinas que, aos magotes, debaixo duma algarazra medonha, aguardam a vez de serem servidas. Feita a «lota»,

cabe cada caixote a um grupo de peixeiras — grupo de dois, três ou quatro — que se juntaram para a compra e dividem mais tarde, entre si, o conteúdo da caixa que pode levar vários centos da afamada «rainha das hortas». É depois de tudo isto, e faz-se em pouco



A sardinha é lavada em celhas com água pelo pessoal dos arrematantes.

tempo, que, aí por volta das oito horas da manhã, começam a circular pela cidade as peixeiras com suas canastras cheias».

O Aristides acabara o descritivo. As suas preleções eram sempre assim: correctas, medidas, sem palavras a mais, nem a menos. Terminava, olhava em redor os circunstantes, como se estivesse a trabalhar na pista do Coliseu, e sorria-se. Desta vez, porém, o meu amigo não mostrava os dentes. Vincara-se-lhe até uma ruga na testa. Percebi que lhe tinha atravessado o espírito qualquer ideia escura. E como o «eléctrico» ainda não apparecera, não obstante haver já mais de uma dúzia de pessoas à espera dêle, dispus-me a saber a causa da sua arellia.

«Tu sabes — explicou-me êle — que eu soffo terrivelmente de pesadelos. É rara a noite que não sonho com qualquer das coisas que vejo ou evoco nos meus passeios por esta linda cidade».

«Bem sei — respondi-lhe eu. Já uma vez, no dia do feriado da cidade, acordaste sobressaltadíssimo porque te julgavas Martin Moniz e estavas entalado entre a cama e a parede».

«Pois não calculas o pesadelo que eu tive por cause do cais da Ribeira.

Imagina tu que, mal pego no sono, vejo-me à mesa dum restaurante do Ginjal com um prato de sardinhas assadas à frente. De repente, não sei explicar como — os sonhos nunca se explicam — principiei a ver o prato a crescer, a crescer... Uma coisa muito fria começou a subir por mim acima».

— Era o lençol, com certeza — objectivei-lhe.

«Não. Escuta. O prato crescia e as sardinhas também. Por fim, o prato desapareceu e só o peixe ficou, enorme, roliço, reluzente. Uma das sardinhas, sem fazer cerimónia nenhuma, sentou-se numa cadeira — qualquer delas era já da minha altura — e, enquanto as companheiras se perfilavam, assentes na barbatana caudal, começou a tossir, como que a preparar-se para falar».

— Que sonho tão esquisito, Aristides. Tu bebes demais — conclui eu.

«Mas ouve tudo. Como te ia a dizer, a sardinha preparava-se para falar. Esperava só que eu lhe dissesse qualquer coisa. Enchi-me de coragem e gritei: «Mas que significa isto?» Então a sardinha pediu-me licença, limpou-se do carvão que lhe ficara na pele torradinha, e fixando-me com os olhos mortuos, principiou: «Com que então, preparava-se para me comer? Pois vai ouvir-me, primeiro. Isto tinha que ser. Uma de nós havia de interpretar os sentimentos da classe. É que, meu caro senhor, nós estamos a ser alvo de injustiças e temos certas reivindicações».



Entretanto, as varinas fazem grande algazarra, à espera...

mesmo ali no meio de nós. Que mas-sada! Ora, o meu caro senhor compreende: assim, não se pode pedir ordem a nenhum peixe. E andamos tôdas numa balbúrdia doida. Umás fogem para outros mares e passam a ser — coitadas! — umas pobres sardinhas perdidas, outras suicidam-se na primeira rêde que lhes aparece, outras metem-se na bôca do primeiro peixe grande que lhes arreganha o dente. Desgraças! O senhor não imagina como a gente inveja agora a sorte das nossas companheiras que andam nas latas: ao menos essas têm sossêgo e re-bolam-se tôda sem azeite. Mas o que nos custa mais é sabermos que vocês ainda se queixam de sermos nós as culpadas de tudo. Que a sardinha falta, que por isso se vende mais cara, que ninguém lhe chega, que a pouca que aparece é muito ordinária. Ora ponha-se no nosso lugar e diga-me lá: se o senhor der maus tratos a alguém, pode exigir depois que essa pessoa se porte bem? Não pode. Desgraças!.



O Aristides fêz uma pausa. E con-cluiu:

«Dito isto, a sardinha começou a mirar, a encolher, e desapareceu. Eu acordei, muito incomodado. E enquanto me lembrar disto, não posso olhar para os bichinhos nas canastras das peixeiras que não reconheça a razão que lhes assiste».

O «eléctrico» chegara finalmente. Vinha cheio. E como já havia quatro dúzias de pessoas à espera dêle, ficou todo enfeitado com gente pendurada nos estribos, nos pára-choques e nas pernas das outras pessoas. Desisti de arranjar lugar e resolvi ir a pé. Despedi-me do Aristides. E fui para casa a pensar na história que me contara.

Qual não é o meu espanto, quando a Josefina me proclamou, com ar feliz, mal entrei na casa de jantar:

— Hoje, arranjei-lhe sardinhas cruci-ficadas, salvo seja... Sabe como é?



Completados os carregamentos das camionetas, a sardinha que sobeja é vendida às varinas...



Formam-se então em grupos de duas, três e quatro para dividir entre si um caixote...

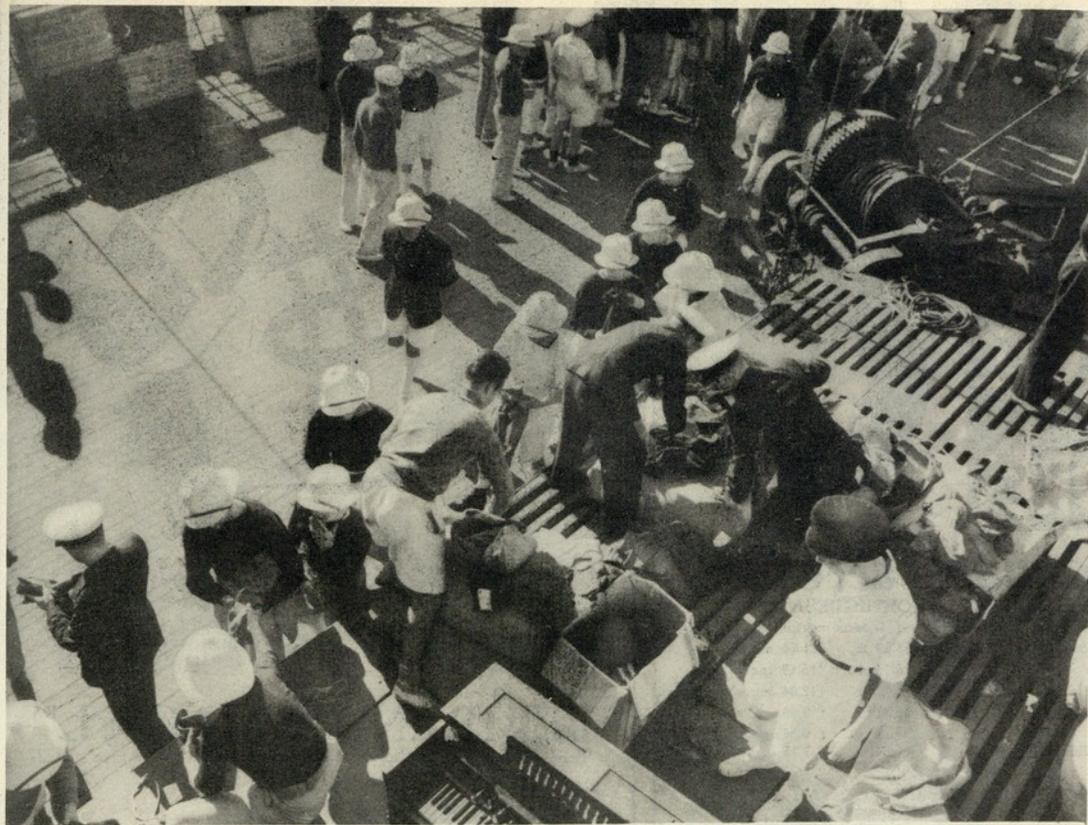


A salpicadinha da costa é metida nos caixotes e salgada, esperando só a chegada das camionetas...

E abria os braços para exemplificar. Quería dizer na sua que se tratava de sardinhas abertas ao meio e envolvidas em farinha e ovo.

Sentei-me. Deitei-lhes um olhar feroz. Estavam realmente apetitosas. Mas antes que alguma delas tivesse o atrevimento de me fazer considerações — comi-as tôdas.

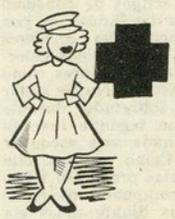




HÁ HOMENS E MULHERES cuja função na guerra é utilíssima e, afinal, muitas vezes ignorada. Do seu esforço, não falam os comunicados oficiais; as suas vitórias não merecem a honra de largos relatos da Imprensa. E, no entanto, o esforço é dos mais árduos e as vitórias são das mais úteis para a condução da guerra. Estão neste caso os tripulantes dos barcos que transportam tropas e munições — como este que nos apresenta a foto à esquerda, chegado a determinado porto do Médio Oriente.

HOMENS E MULHERES

ao Serviço da Guerra



O TRABALHO DAS FÁBRICAS é outro dos que, não obstante a sua grande importância, raras vezes é posto em evidência com o merecido relevo. Aqui temos na foto à direita um curioso aspecto da guerra: alguns aviadores da R. A. F. entre centenas de operárias duma fábrica inglesa de munições — as que fazem as bombas — recebendo festivamente os que primeiro se aproveitam do seu trabalho, lançando-as.

BBC

**A VOZ
de
LONDRES**

fala e o mundo acredita

Noticiário em LINGUA PORTUGUESA

Horas	Estações	Ondas curtas
12.15	Noticiário G R Z	13.86 m. (21.64 mc/s)
	G S O	19.76 m. (15.18 mc/s)
12.30	Actualidades G R V	24.92 m. (12.04 mc/s)
21.00 (*)	Noticiário G S C	31.32 m. (9.58 mc/s)
	G S B	31.55 m. (9.51 mc/s)
21.15	Actualidades G R T	41.96 m. (7.15 mc/s)

(*) Este noticiário ouve-se também em 24,92 metros (12,04 mc/s) em G. R. V.

Cria o hábito de ler «LONDON CALLING», semanário ilustrado e órgão oficial da B. B. C.

À venda na Livraria Bertrand, Rua Garrett, 73-75. ao preço de Esc. 1\$20.

NO CIMO DA CURVA

(Continuação da pág. 6)

Marshall e nas Carolinas, ilhas alemãs de que ele se apoderou na outra guerra e de graça. Eis no entanto que no dia 5, de Tóquio, informava-se que «Kurusu, ex-embaxador do Japão em Berlim, partirá a bordo dum «Cliper» para Hong-Kong, com destino a Nova York, donde seguirá para Washington, a-fim-de auxiliar Nomura, embaxador do Japão nos Estados Unidos, nas conversações nipo-norte-americanas destinadas a resolver as desinteligências actualmente existentes entre ambos os países, por causa de determinados assuntos do Extremo Oriente». *Tableau... japones.*

AS RETAGUARDAS E O INVERNO



GOEBBELS

Por detrás disto tudo, fica o levar fervescer das retaguardas. E é ali a *ultima ratio* dos acontecimentos.

Goebbels dirigiu este apêlo nos últimos dias de Outubro de Berlim. «Nós devemos continuar a manter-nos unidos se desejamos que Berlim continue a desempenhar a sua missão tão importante. Outras grandes cidades não têm tido uma vida fácil. O que quer que aconteça nós devemos afrontar a crise. Como o vosso «Gaulleiter» sabe, vós tendes de enfrentar dias duros, as vossas mulheres têm de esperar longas horas

à porta das lojas para obter aquilo de que carecem. Em certos períodos estareis privados de tabaco. Devido à escassez de mão de obra, vós próprios tereis de transportar o carvão para as vossas casas. Tereis de passar muitas noites nos abrigos. Muitas vezes, após apenas duas horas de sono, tereis de regressar ao duro labor do dia. Isto acontece em muitas outras cidades alemãs mas em certas regiões é ainda pior. O apêlo conclui: «Eu desejo agradecer-vos a vossa enérgica resistência. Espero que ela se mantenha durante os longos meses de provação que vos esperam».

Neste momento, um dever, acima de todos os demais, existe para quem tem de anotar com probidade os acontecimentos da vida internacional: o de não induzir ninguém em ilusões. A Europa entrou na fase mais perigosa da guerra. Está

posta à prova a resistência vital das retaguardas. O apêlo do dr. Goebbels tem similares noutros países. Através das compressões alimentares e de artigos de consumo e da paralização das indústrias, por debaixo das ocupações militares fremem estados psicológicos colectivos a que os comentadores como os homens de Estado têm de andar muito atentos sobretudo durante este crudelíssimo segundo inverno de guerra. De nada vale esconder as realidades. Como a rama alta dos coqueiros, elas procuram a luz, perfurando e rompendo os tetos. Fechar os olhos diante delas em vez de os trazer fitos, é correr os riscos de ter de os abrir ao estrondo da pior das surpresas.



Artista fotográfico

Por Stuart Carvalhais



— É o que te digo: Tem sido uma dificuldade para arranjar emprego. Já respondi a quatro anúncios do «Noticias».



— Um era até para professor de geografia. Ora tu compreendes: Pode lá ensinar-se uma coisa dessas, nestes tempos!

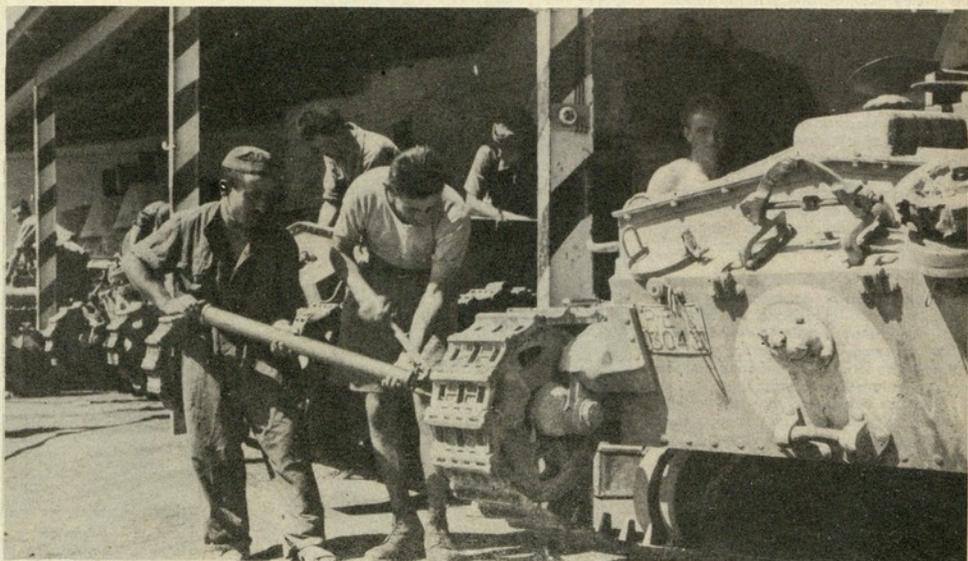
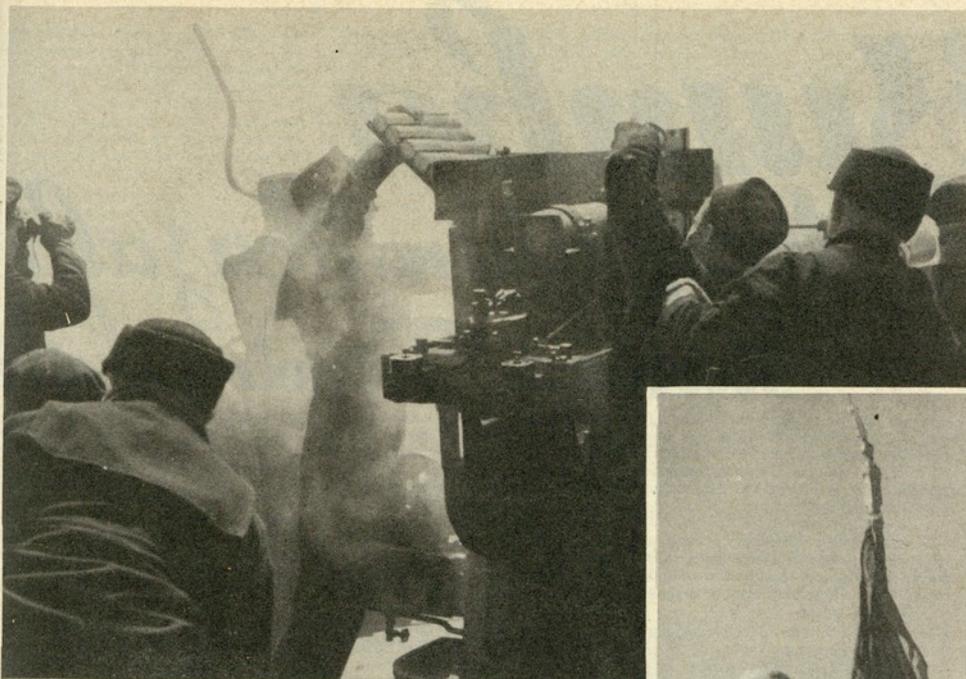


— ...Até que me resolvi a aceitar um emprego para uma fotografia. — Ah! Sim? E então, entendes-te com isso...



— Se entendo? Já sei dar os banhos... — As chapas? — Não, aos miúdos do fôtografo.

Imagens da **ITALIA** na guerra



ASPECTOS DA ACÇÃO DAS TROPAS ITALIANAS NA GUERRA — Ao cimo da página: Num torpedeiro italiano, em operações no Mediterrâneo, contra um submarino inimigo, a guarnição dum peço de artilharia entra em combate; ao centro, à esquerda, artilharia de campanha em posição de fogo na zona de Tobruk; à direita, a cerimónia da condecoração da bandeira dum divisão italiana que se distinguiu em combates recentes na região da bacia do Donetz, na Rússia; ao fundo, à direita, uma oficina para reparação de «tanks» em pleno deserto africano da Cirenaica.

Quizumba

Tragédia na Senzala

Novela de Teixeira Leite

E

RA nessas plagas imensas, de majestosos rios de susurrantes e claras águas, onde as quizumbas, sol pósto, se vão desedentar, e de exuberante vegetação luxuriosa, onde o leão, com seu potente rugido de muitas centenas de metros, atrocando as terras de redor, impera como senhor único, déspota e cruel.

Era no país dos Machanganas, nessas terras óptimas, aonde as pimentas se enroscam como em abraço sensual nas mangueiras gigantes, de cujas ramadas pendem as mangas abertas já de maduras, deixando, qual abandonado desleixado, ver a pêlpa amarelo-ouro, macia, que apetece trincar, com seu fiozinho de mel a fugir... e, em que, de envolta com a gingoma vívida, escarlate, surgem os cajueiros, de frutos amarelo-rosados, carnudos e alcoólicos, perfumando a atmosfera. Mais além, são as esguias papaias, de fino tronco nodoso, a que se prendem as papaias que, de túmidas e sazonadas, lembram ventres de puérras.

Fôra aí, num recanto mais afastado, bem mergulhado no interior, que Chimbopa assentara a sua senzala.

Quisera estar arredado dos povoados e cidades, de onde não visse, ou tão pouco suspeitasse, os brancos. Depois do que lhe haviam feito, já nada mais queria com eles.

A mulher de que êle mais gostava, a Matibane, fugira-lhe para um branco, o «muzungo» (*) Serrano.

E fôra com o coração apertado de dôr, e os dentes contrahidos pela raiva, espumando de furor, impotente, os olhos raiados de sangue, que êle vira o muzungo, poderoso, levar-lha, só para cevar naquele corpo negro, e semi-nu, de adolescente, de linhas harmoniosas, e frágil como o bambú, os apetites bestiais da carne, a função sexual.

Tinha mais mulheres, era verdade, tantas quantas quisesse; nenhuma, porém, como aquela, nova, «maming» (*) bonita, de movimentos felinos de pantera e atitudes lascivas, ondulantes, de cobra que se enroscas. As outras estavam tôdas «cacuanas» (*), e nenhuma delas, por isso, lhe agradava já.

...E dêsse dia em diante, a bôca torcida num rictus de rancor concentrado, a custo reprimido, os olhos banhados em fel, jurara um ódio eterno aos brancos.

A sua cubata, a maior, ficava precisamente ao centro da povoação, colocada num alto e rodeada de coqueirais, dominando o vale imenso, lá em baixo, no seio de que corria, precipitando-se ao longe, um medonho caudal de água, impetuoso, bramante.

Tôdas as terras em redor lhe pertenciam. E as que não eram pertença sua, encontravam-se sob sua jurisdição e suzerania.

E plantadas já de mafurra (*) e batata, já de feijão e mapira (*), era um regalo para os olhos o vê-las.

Em volta cresciam as bananeiras, atestadas de verdes e amarelos cachos, e os cajueiros medravam aqui e ali. (Assim, haveria sempre gimbalá (*) novo para os dias de festa).

E, nos currais, o gado numeroso mugia, ou penetrado da doce paz que parecia envolver todo o ermo, ruminava cá fora, em silêncio, o capim tenro da planície que se estendia a tôda a largura, face à aldeia.

Casara, tempo passado, o que a todos se afigurara suficiente para adormecer a «dôr», com uma bonita «manacage» (*), a Romana, que o presen-

teara, meses decorridos, com um negrinho, nédio e escurinho que nem azeltona sapateira, e em cujo rostinho, de lábios grossos e virados como as bordas dum alguidar, brilhavam dois olhos vivos e espertos, que dir-se-iam dois faróis alumando no escuro.

Mas, ¿como conhecera êle a Romana?

Fôra logo no primeiro batuque, quando êste parecia estar no auge,

quasi a atingir o delírio, que Matope, o primeiro conselheiro, o seu velho e fiel Matope, lhe mostrara uma negrinha, pubescente ainda, que, em movimento sensuais e desordenados, tôda se saracoteava no entusiasmo que emprestava à dança.

...E, logo ali, foi aprazada a bôda para a primeira lua, que devia surgir daí a dias.

A cerimônia seguiu-se um batuque



estrondo, de como os pretos até então não guardavam memória, e que no meio de enorme algazarra e bebedeira indescrevível, em que não sobrou o gimbalúu e a sura (*) foi pouca, se prolongou noite fora, já à luz dos archotes, a qual emprestava às árvores e penedos próximos tons ensangüentados dum vermelho vivo, a sangue.

As leras, despertadas nos covis, fugiam assombradas da luz das fogueiras e intimidadas daquele rumor, para elas mais que insólito.

E, quando Chimbopa, sorridente, recolheu à cubata por entre as alas que o aclamavam, levando pela mão a mulher, segundo o costume, as virgens atiraram-lhes bagos de milho e florinhas silvestres.

Anos são decorridos.

A planície imensa estendia-se a perder de vista, toda uniforme no seu verde novo, com o capim mais viçoso, mais tenro.

Já as papaietas se mostram floridas, cobertas duma florzinha miúda, cor de rosa, dum rosa pálido e casto, e que tão em contraste punha os frutos das gingomeiras próximas, vermelhos e vivos de sangue, como lábios de virgens que apetece macular.

Já o sisal, aqui e acolá, tinha ganho novos rebentos, duma branquilha leitosa e duma transparência de cêra. Os tamarindos, estuantes de seiva, nova linha reconfortante, prometem belos frutos, preñes de mel, e um sabor a rosas velhas.

Já os cajueiros, com seus cajuzinhos, deixam adivinhar a esplêndida agudeza que os frutos, tamanhos ainda, mas já amarelados, prometem.

As abelhas e as mariposas gostam de pousar, de quando em quando, nesta ou naquela flor, a sorver-lhe no cálix, ainda macio, aquele estonteante nectar que, regalo dos minúsculos talados, é uma das primícias da estação. Andam pelo ar, em volutas caprichosas, insectos de todos os tons e tamanhos.

É a Primavera, estação dos deuses, época dos amores!

Uma manhã, a aldeia desperta ao bruí-bruí animado das conversas e da discussão acalorada que se estabelece de grupo para grupo.

Fôra o caso que chegara até aquele lugar, que supunham inacessível a estranhos, um branco, com sua comitiva de pretos, disposto a fixar acampamento nas proximidades. E era a isto que os negros de Chimbopa se queriam opôr, sabendo da sua cólera tremenda contra os brancos — e de tudo quanto dêles viesse. Discutiam uns com os outros, e queriam saber que vinha ali fazer aquele muzungo alto como uma torre e forte como «pandôro» (*), acompanhado daquela manacage, também muzunga, e como êles ainda não haviam visto, os cabelos da cor do sol, semelhante as finas sedas da juba duma leão. Era isto o que, sobretudo, mais os intrigava e lhes dava que falar, originando comentários piocesos e disparatados.

E pasmavam para ela quando Chimbopa, acordado ao barulho, e chamado à pressa por Matope, sempre diligente, acorreu a inquirir do que se passava.

Ao ver os brancos, ainda que de longe, logo a testa se lhe vincou. E foi com um brilho estranho no olhar, o nariz franzido numa desconfiança, que, seguido dos seus, se adiantou para o branco.

Já a este tempo, a mulher, a pedido daquele, se recolhera a uma das barracas de lona, no temor duma violência.

Após as saídas do costume, e a que o branco mal soube corresponder, chamado Caiumbuca, o intérprete, o homem dos feiticos, que conhecia as artes dos brancos, por com êles ter vivido muito, e porque um não sabia a linguagem do outro, por êle quis Chimbopa saber a que vinha o muzungo, quem era, e aquela branca que

trazia, que terras havia pisado antes, e, finalmente, se vinha em paz ou em guerra.

A resposta foi pronta e breve. Tratava-se dum português e de Lady Kingstone, filha dum rico industrial, ambos colonos novos em Sofala.

E, depois de novos cumprimentos, a que não faltaram as zumbaias, nem os rapa-pés, Chimbopa, tranquilizado logo pelos sábios conselhos do prudente Matope, que «falava sempre direito» («eram gentes importantes, do Grande Branco, havia que ter cuidado, usar de prudência; e, depois, dêles ainda mal algum lhes viera»), dirigiu-se para a cubata.

Contudo, essa noite não dormiu sossegado.

«Que viria ali fazer aquele branco com aquela branca, que êle ainda não via, mas que diziam ter os cabelos da cor do sol e ser pálida como a lua? «Caçar? Cheirava-lhe isso a feitico... Caçar? Podia lá ser... Então, ¿porque não tinham ido antes para as terras do soba Tiro, bem mais próximas que as suas? Porquê? Porque ali havia feitico... Cautela, Chimbopa... Mas, e as faldas de Matope, o seu fiel Matope? Era verdade Matope ter dito que respondia por tudo. Não era menos verdade, porém, que Caiumbuca, o homem dos feiticos, e igualmente sabedor, fôra contrário a que os brancos ficassem. E Caiumbuca tinha visto muito, sabia muita coisa. Se Matope era experimentado, Caiumbuca, fino como o chacal, não lhe ficava atrás... Qual dêles, pois, tinha razão? Matope, o amigo leal, o velho conselheiro, que o ajudara a criar, ou Caiumbuca, que já tratara com brancos, e lhes conhecia as manhas?...

E se Matope, «falado com os brancos», a êles agora ligado, jurasse perdê-lo? — Sim, Matope já estava cacuama, bastante cacuama mesmo... Mas, não; podia lá ser... E, zangado consigo próprio, já envergonhado daquele mau pensamento que o tornara por momentos ingrato para com o velho servidor e amigo, afastou tão torpe ideia. Matope estava velho, era certo, mas continuaria a ser o mesmo, o seu fiel Matope, o amigo leal, aquele que, no conselho, todos escutavam — era o primeiro sempre a elevar a voz, e o último sempre a sair.

E estas ideias a revolverem-se-lhe no pensamento, adormeceu era já manhã clara.

Já o sol ia nado, e entrando pelas frinças da palhotá, vinha em cheio bater-lhe no rosto.

Acordou resolvido a procurar o muzungo. Queria, em todo o caso, porque só assim teria sossego, dissuadi-lo da sua permanência naqueles lugares. Aconselhá-lo, primeiro, a partir; e, dada a recusa, coagi-lo, ainda que para tanto tivesse que usar da força dos seus.

Os campos em volta acordavam, cantavam os galos, e os boieiros, lança ao ombro, uma pele de onça a cobrir-lhes o busto, outros o torso nu, um pedaço de chita a tapar-lhes as vergonhas, levavam ao pasto os bois, que, de chifres longos e agudos, como verrugas, a venta no ar, pareciam aspirar o frescor da manhã.

Já os primeiros rumores se faziam ouvir na selva distante, que houvera despertado a fim.

E costeando a aldeia, em direitura ao mato, não fôsse Matope dar por êle, encaminhou-se para o acampamento do muzungo.

Mas, eis que passos andados, Chimbopa se detém estupefacto, os pés presos ao chão, o olhar embrutecido.

— Que é, Chimbopa? Que viria êle? Alguma fera? Nada disso!

Diante dêle estava Lady Kingstone, bela como uma deusa, as longas tranças caídas em desalinho. Envergava um amplo calção branco à Chantilly, e a blusa de linho, da mesma cor, justa, deixava sobressair as formas.

De botas altas, a «Mause» ao ombro, suspensa do correamo, dir-se-ia Diana

que, abandonando o Olimpo, houvesse descido à Terra.

Chimbopa, que a via pela primeira vez, quedara-se mudo de assombro, o olhar estúpido, o beijo caído, os braços como que esquecidos ao longo do corpo, contemplando-a, estático, em todo o seu natural esplendor.

Queria andar — e não podia. Quisera falar — e fôra-lhe impossível.

Estava ali contra sua vontade e, a um tempo, encantado e em deleite, banhado todo num gozo celeste, num como que sono...

Êle, de satisfação, nem queria acreditar. Nunca vira uma branca. Brancos, sim, muitos, mesmo muitos. Brancos, porém, nenhuma. Tinha, era certo, ouvido falar delas, que eram «maning» bonitas, mas, a êle, Chimbopa, não lhe fôra dado, até à data, admirar alguma. Esta era a primeira.

E, conseguindo reagir, por império da vontade, como sonâmbulo, dirige-se para a inglesa.

E, vista de perto, ainda mais bela lhe Parece. Bem lhe dizem os moleques (**), que era pálida como a lua, e os cabelos da cor do sol. Parecia-lhe, além do mais, esbelta e nervosa como o são as gazelas do deserto, e delicada como os jasmineiros da sua aldeia.

Lady Kingstone, que se supunha tão só naquele despojado, ao ver diante de si um negro, o mesmo da véspera — tinha-o reconhecido quando espantara da barraca — de aspecto pouco tranquilizador, na realidade, para ela, novata em terras de África, e em atitude estranha que lhe pareceu suspeita, estremeceu mau grado. E, ao ver que avançava para ela, subitamente presa dum temor frenético, inexplicável, deita a correr, em doidaabalada, direcção à floresta.

Consciente do perigo e das desagradáveis surpresas que aquela oferecia aos incautos e inexperientes, Chimbopa lança-se em sua perseguição.

E, esforçando-se por a deter, ôlegante, exclama a intervalos, tanto quanto lho permite a rapidez da carreira, no seu meio português, como se ela o pudesse compreender:

— Não ter medo, senhora, não fazer mal...

Mas... ela que não o entende e que, apenas o percebendo no seu rosto, mais e mais corre?!

— Foi apanhá-la já dentro da selva, caída por terra, desamparada, esfalada do espôrro inútil.

Entre respeitoso e solícito, não se atrevia a tocar-lhe; não sabia que fizesse, se deixá-la ficar assim até que voltasse a si, se levantá-la imediatamente.

Decidiu-se por fim.

E, cuidadoso, como se receasse quebrar uma porcelana antiga, de preço, temendo maltratar alguma daquelas partículas delicadas que constituíam o busto precioso da inglesa, fêz por a erguer.

E foi com um tremor de mãos ao tocar naquele corpo de linhas puríssimas e mais que humanas, quasi divinizadas à força de perfeição, que lhe apanhou as espaldas, tentando-a sollevá-la.

Lady, a este tempo já reanimada, ao perceber aquelas manâpulas de gigante negro em sua pele, duma delicadeza de veludo, fita-o com os olhos arregalados de terror, acabando por o repeli com as mãos ambas, os braços estendidos num recurso supremo a evitar a sua horrorosa aproximação.

Chimbopa, ao sentir-se dêste modo tratado, êle que por ela afrontara, desarmado, riscos e perigos sem conta, êle a quem todos sem excepção, dezenas de quilômetros em redor, prestavam vassalagem, êle, senhor de mil guerreiros e dono de vastas terras e gados, pôde agora suportar que uma branca, só por ser branca, o maltrate? Não!

Tinha-a seguido na coorteira furiosa para a defender dos perigos que a ameaçavam. E ali estava agora para a socorrer. Havia então de fugir, por-

que uma mulher, a muzunga, o repeleira? Não, e não! Havia de ficar, uma vez que êsse era o seu desejo. E, depois, buscava o caçador branco, e encontrara-a ela. Pois bem; falar-lhe-ia, seria o mesmo.

E convenciado plenamente da sua razão, mais no propósito de que ela o ouça, toma-lhe os pulsos à força, sem lhe dar ao sequeir a esboçar a menor resistência.

Agora, de pé, face a face, chegado a ela, prestes a tocar-lhe, mais medonho lhe surge, quasi hediondo para a sua fragilidade de fêmea, e gostos delicados, aquele negro de catadura feroz, proporções agigantadas, peito de aço que nem fole de ferreiro, carapinha hirsuta, os malares salientes a quere-rem furar-lhe a pele, as beigas grossas e desmesuradamente caídas como tromba de sapato velho.

Ao contrário, ela mais bela lhe parece.

É debalde, pois, que Lady se esforça por escapar à pressão asfixiante dos braços de Chimbopa, gritando, já com lágrimas na voz, na ânsia dum hipotético socorro.

O vestuário meio descomposto, o rosto atofogado, e pálida de terror e do esforço, os olhos expulsando chispas, com o sol, já alto, a arrancar-lhe luminosidades de oiro-velho nos cabelos descaídos para a frente, a loura filha da fria Albion, era bem Diana, a caçadora mitológica, superbeida no banho por Actéon.

Chimbopa, furioso já por aquela resistência prolongada, absurda, a nada querendo atender, num sacão mais violento, sem saber bem como, fica com a inglesa estreitada a si.

...Ao outro dia, a aldeia que acorda em balbúrdia douda...

Dizia-se que aparecera, longe, nas margens da torrente, e meio devorado pelas quimbas (**), o corpo gentil e formoso de Lady Kingstone.

Ninguém sabia como tinha sido. No entanto, Chimbopa desaparecera.

(*) Nome por que na costa Oriental é designado o homem branco, mormente o português.

(**) Moleto (adv.).

(*) Velho.

(*) Mafurra — Planta, cujo óleo é empregado no tempo das comidas.

(*) Mapira — Cereal que constitui a base da alimentação indígena desta e outras regiões africanas.

(*) Gimbalúu — Aguardente muito forte extraída do fruto do cajueiro.

(*) Manacage — Mulher.

(*) Sura — Bebida resultante da fermentação da seiva da palmeira, e muito semelhante à nossa cerveja, porém mais encorpada.

(*) Pandôra — Leão, na linguagem dos Machanganas.

(*) Moleque — Termo do idioma quimbundo, e igualmente usado na Costa Oriental, para designar o criado de côr, especialmente o de pouca idade.

(*) Quimba — Nome que os nativos dão à hiena, que, conforme é sabido, se alimenta da carne de animais abatidos, muita vez já no estado de putrefacção, visto a luta lhe repugnar por ser hícho cobarde.

Vida
MUNDIAL
Ilustrada

JOSÉ CÂNDIDO GODINHO

Director

JOAQUIM PEDROSA MARTINS

Editor e Proprietário

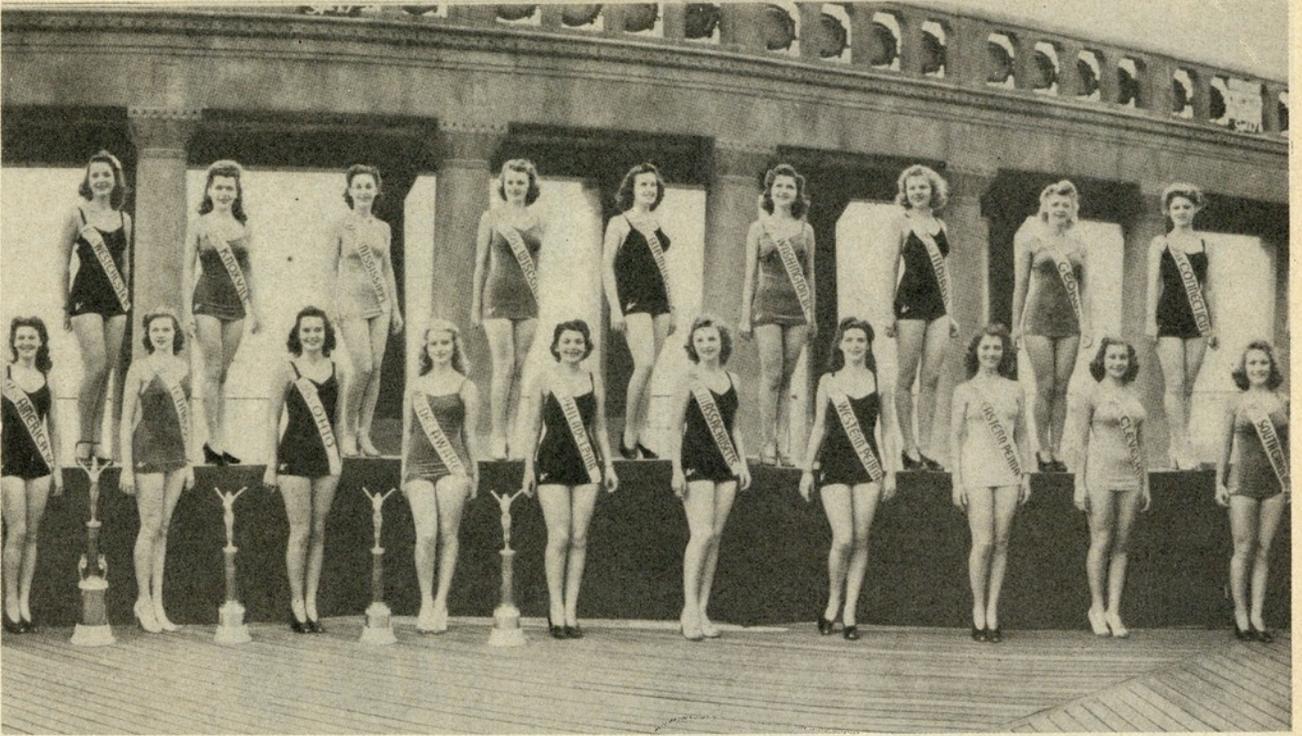
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Garrett, 80, 2.º — Lisboa — Tel. 25844

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Continente e Ilhas: 3 meses (12 números): 11\$00; 6 meses (24 números): 22\$00; 12 meses (48 números): 43\$00. África: 12 meses (48 números): 60\$00. COMPOSTO E IMPRESSO nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), L.ª — Tr. da Condessa do Rio, 27 — Lisboa. DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS em Portugal e Colónias: Agência Internacional, R. de S. Nicolau, 19, 2.º — Tel. 2 6942.

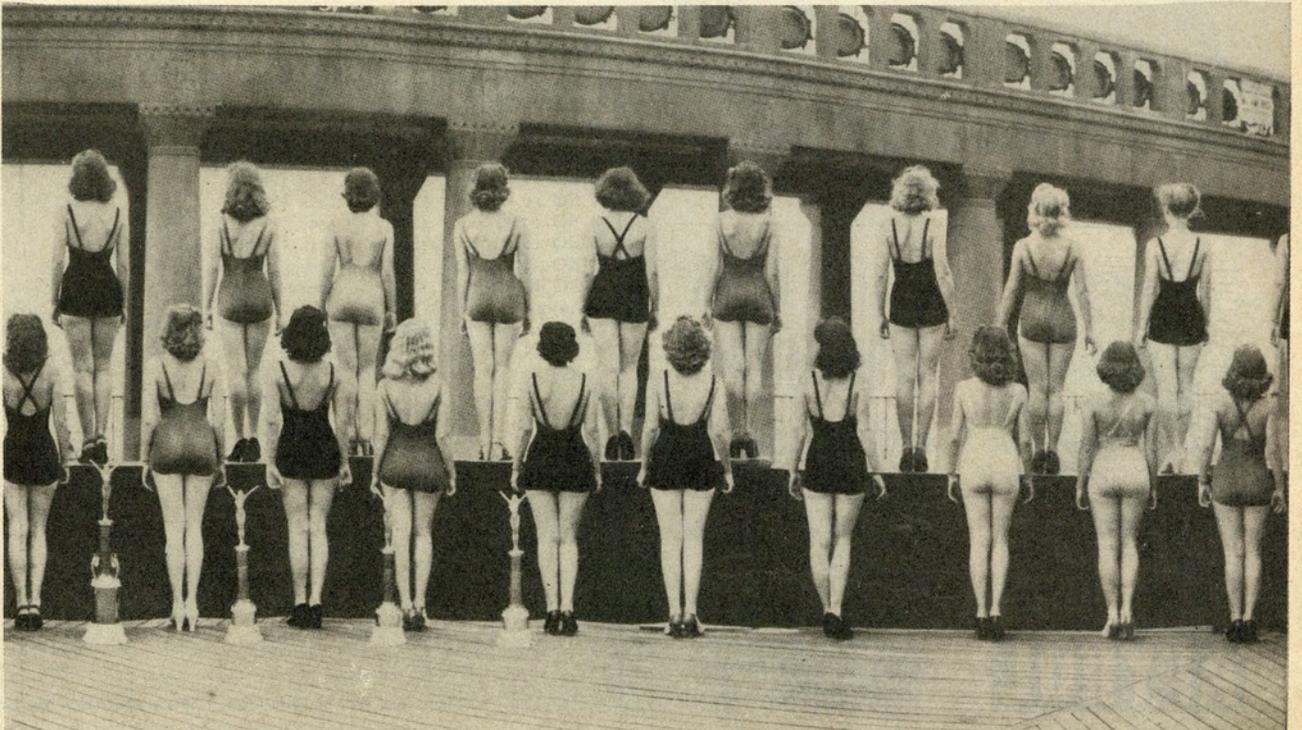
Vida
MUNDIAL
Ilustrada



A eleição de «Miss América» 1941 efectuou-se recentemente em Atlantic City, no meio de grande entusiasmo popular. Os americanos, ávidos de competições, amadores de «récorde» e de concursos, têm por estes certames especial predilecção. Há vinte anos que Atlantic City é teatro destes espectáculos, cenário maravilhoso para concursos de beleza. O público gosta deles, não só pelo interesse de disputa regional — concorrem todos os Estados — mas também porque eles cons-

tituem mais um motivo para apostas chorudas — tal como se tratasse (salvo seja l...) de cavalos ou galgos. A eleição de «Miss América» é pois sempre um acontecimento popular e mundano de grande evidência. E nem a guerra, com todos os seus reflexos e conseqüências, conseguiu empalidecer seu brilho. Este ano, mais uma vez, o título foi rijamente disputado entre as 38 concorrentes, representantes de quasi todos os Estados da América do Norte. Na realidade, a escolha era difícil. Ponham-se os leitores na pele dos membros do júri, olhem

estas beldades de frente e de trás e digam-nos depois se, assim à primeira, se abalançavam a fazer uma escolha. O mesmo deve ter sucedido aos juizes deste difícil concurso. Mas, por fim, tomadas medidas para se verificar qual dos corpos se aproximava mais dos cânones, eliminadas as graças e analisados os sorrisos, houve que decidir. As mais premiadas são, como os leitores facilmente verificarão, aquelas junto das quais se encontram as taças que galardoaram seus dons. A vencedora (a primeira da esquerda nas fotografias desta página, primeiro plano) foi considerada um exemplar quasi perfeito de beleza e elegância feminina não obstante ser morena e ter o cabelo preto — sinais pouco comuns às americanas. As classificadas a seguir são representantes de Atlantic City, Wisconsin, Charleston, California, Nova York (da direita para a esquerda, na página ao lado), Tennessee, Ohio, Delaware e Filadélfia (da esquerda para a direita, nesta página), e revelaram, também, extraordinárias qualidades de elegância e beleza. E as outras? Ao leitor, menos exigente certamente que os membros do júri americano, também não lhe parecem mal, não é verdade?





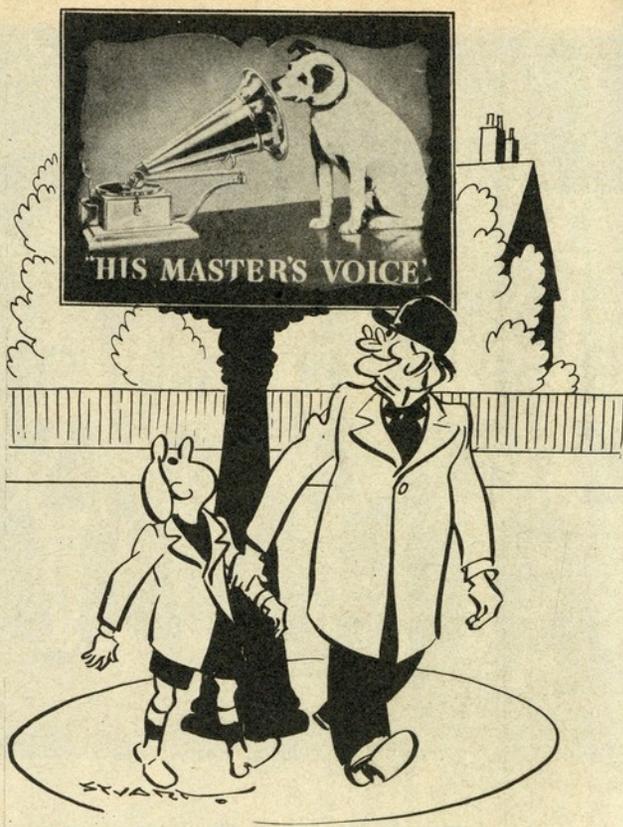
O SR. PROF. CHARLES LEPIERRE fazendo recentemente na Academia das Ciências a sua interessante comunicação sobre a bioquímica das conservas.



UMA REUNIÃO DE GRADUADOS da «Mocidade Portuguesa», que frequentam a Universidade, no Centro Universitário de Lisboa, inaugurado há dias.



AS CASAS REGIONAIS DE LISBOA, por intermédio dos seus directores, reunidos há dias, resolveram fundar o Conselho Superior Regionalista. A foto mostra-nos um aspecto da reunião (Fotos feitas com películas «Ferrânia»).



— Ó avôzinho! O que quere dizer aquele cão que vejo em tôda a parte a olhar para dentro dum gramofone antigo?

— Aquele cão, Zézé, representa a melhor marca de aparelhos de rádio de todo o Mundo!

ESCUTAI ROMA!

(Centro Rádio Imperial da «EIAR»)

NOVO HORARIO

NOTICIÁRIO EM LINGUA PORTUGUESA
TODOS OS DIAS

Postos	Ondas	Horas de Portugal
2 RO 4	m. 25.40 (kcs 11810)	7,50
2 RO 6	m. 19.61 (kcs 15300)	»
2 RO 17	m. 15.31 (kcs 19590)	11,00
2 RO 17	m. 15.31 (kcs 19590)	15,30
2 RO 6	m. 19.61 (kcs 15300)	22,10
2 RO 4	m. 25.40 (kcs 11810)	»
2 RO 15	m. 25.51 (kcs 11760)	»
2 RO 3	m. 31.15 (kcs 9630)	»
2 RO 11	m. 41.55 (kcs 7220)	»
Ondas médias	m. 221.1 (kcs 1357)	»
	m. 263.2 (kcs 1140)	»
2 RO 4	m. 25.40 (kcs 11810)	»
2 RO 15	m. 25.51 (kcs 11760)	»
2 RO 3	m. 31.15 (kcs 9630)	»
2 RO 11	m. 41.55 (kcs 7220)	»
2 RO 6	m. 19.61 (kcs 15300)	»
2 RO 18	m. 30.74 (kcs 9760)	23,00
2 RO 6	m. 19.61 (kcs 15300)	»
2 RO 4	m. 25.40 (kcs 11810)	»

COMUNICADOS DO QUARTEL GENERAL ITALIANO
EM LINGUA PORTUGUESA

2 RO 17 m. 15.31 (kcs 19590) das 11.15 até 11.25

NOTA: Aos domingos, às 20.20 horas, e às quartas-feiras, às 20.10 horas, serão radiodifundidas palestras em lingua portuguesa.

Em M. 25.70 (KCS. 11695) e 30.52 (KCS 9830)



CONTRA TODAS
AS QUEIMADURAS

APYROL NÃO É UM CREME, É
UM PRODUTO MEDICINAL.

A venda na Farmácia
Estácio — Rossio e em
todas as boas farmá-
cias e drogarias

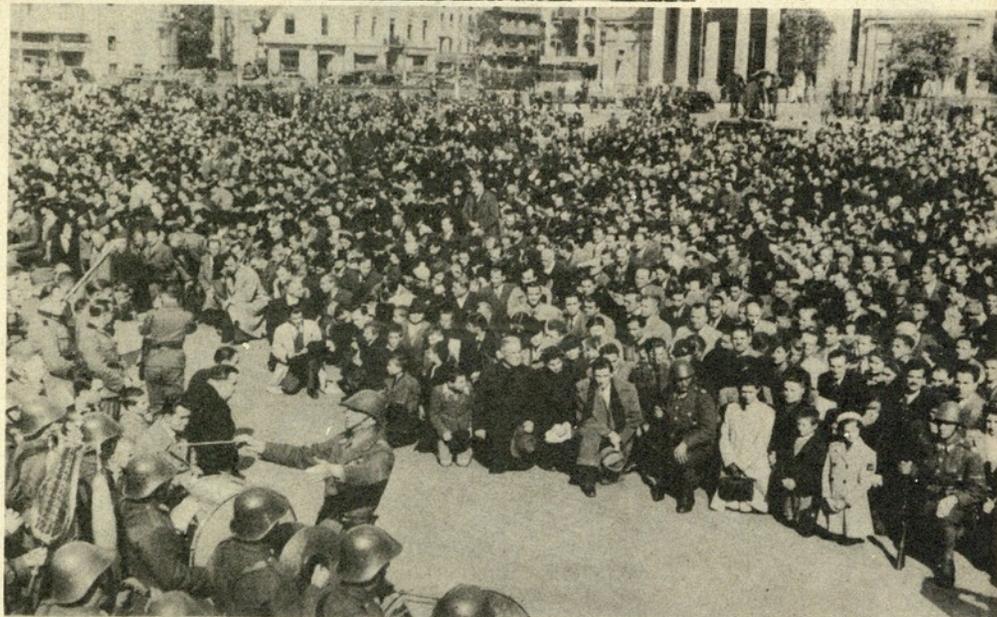
APYROL



A CONQUISTA DE ODESSA foi celebrada com grandes manifestações populares em toda a Romênia. Em Bucareste, organizou-se um grande cortejo que se dirigiu ao Palácio Real para saudar o soberano. A foto em cima mostra-nos um aspecto da manifestação na praça central da capital romena.

a
Roménia
 * festeja *
 * os seus *
 êxitos na
 campanha
 da Rússia

A DIREITA: Outro aspecto das manifestações romenas por motivo da guerra. O povo ajoelha nas ruas para orar por alma dos soldados mortos na luta contra a Rússia.



EM BAIXO: Numa cidade da Bessarábia — Chisináu — reconquistada pelas tropas romenas e integrada já no território pátrio, divisões motorizadas do exército de Antonesco desfilam em parada.





A PRINCESA REAL da Inglaterra, quebrando um pouco o severo recolhimento em que tem vivido nos últimos tempos, começou agora a visitar as unidades femininas, numa demonstração de interesse pela actividade da mulher inglesa na guerra. Vêmo-la aqui falando com uma condutora de veículos do A. T. S. durante a sua visita ao quartel do comando de Leste.